



**Equipe Missionária do Nordeste: Entre Trento e o Vaticano II,
(tradicionalismo, religiosidade popular e Teologia da Libertação ou uma
religiosidade híbrida)**

Aerton Alexander de Carvalho Silva¹

Introdução

É comum a imagem da igreja católica como a mantenedora da tradição e detentora do poder no ocidente por séculos a fio.

O tradicionalismo é uma grande marca da religião que confunde-se com a cultura ocidental. Suas conquistas, suas celeumas e tudo o que a faz, ainda hoje, desempenhar um papel significativo no palco da história vem de toda uma tradição pensada, sustentada e executada com mão de ferro e o livro sagrado dos cristãos na mão.

A sua marca missionária é indiscutível quando apropriamo-nos da história da humanidade. No continente Latino Americano e, mais especialmente no Brasil, não poderia ser diferente.

Tida a tradição e cultura cristã da qual somos herdeiros nos veio por meio dessa ação missionária que há séculos e desenvolvida por diversas congregações religiosas vindas da Europa para evangelizar esse continente.

Com o Concílio Vaticano II uma nova maneira de enxergar-se surgiu na Igreja. Definiu-se como povo de Deus e isso trouxe mudanças tímidas mas, significativas no ser e no fazer Missão por parte da Igreja.

No nordeste do Brasil encontramos experiências que mesclam elementos da religião tradicional, da religiosidade popular e das inspirações do Concílio Vaticano II. A Equipe Missionária do Nordeste, hoje AMINE –

¹ Doutorando em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco e professor de Int. à Filosofia e Int. à Teologia na Faculdade Damas, Integrante do grupo de pesquisa Sincretismo religioso brasileiro: entre o tradicional e o pós-moderno (UNICAP) aertonalexander@hotmail.com



Associação Missionária do Nordeste -, tem desenvolvido um estilo missionário que contempla estas três formas de religiosidade. O presente trabalho deseja apresentar como se dá a intersecção entre os mesmos.

I. O concílio Vaticano II na história da Igreja Católica

O Cristianismo, nesses mais de 2000 anos, tem marcado, significativamente, a história do ocidente. Por toda a sua influência, regulação, domínio e herança confunde-se e funde-se gerando uma expressiva inserção no ocidente cristianizando-o, especialmente com a Igreja Católica que ofertou, ao longo desses milênios, o acesso à revelação cristã.

Os mitos, os ritos, a gastronomia, as artes, a cultura em geral, a religiosidade, a cosmovisão desse lado do planeta está marcada por um grande véu bimilenar que com uma aparente transparência e a fragilidade de um manto, cobre boa parte dos continentes europeu e americano. Esse mesmo véu, por muitas vezes, no passado e no presente, configurou-se como armadura ou couraça resistente e forte que subjugou, mutilou, aniquilou e dominou povos, nações e continentes sob a égide da cruz.

Narrativas dessa história encontradas nas Sagradas Escrituras dos cristãos, especialmente os Atos dos Apóstolos, escrito por Lucas, e os registros de Paulo denotam um cristianismo que, já em seu nascedouro, trouxe a marca de uma religião de missão e de busca de novos adeptos.

O cristianismo primitivo apresenta uma marca de missionariedade que traz para sua reflexão interna os desafios e exigências da pregação *ad gentes* e o choque com as convicções internas de uma religiosidade nascida e crescida tendo como modelo o ortodoxo judaísmo de então.

Nessa encruzilhada da inspiração do pequeno grupo dos doze com as realidades sociais distintas encontradas pelos primeiros missionários, especialmente por Paulo, que surgem as discussões sobre a circuncisão dos neófitos gentios e a observância à Lei de Moisés cujos debates culminarão com o primeiro Concílio Apostólico, o de Jerusalém, que se deu por volta do



ano 48 (segundo alguns autores 44) e se encontra nos Atos dos Apóstolos Capítulo 15. Giuseppe Alberigo recorda que :

A celebração de grandes assembleias conciliares constitui uma marca que atravessa toda a secular história cristã. Nascidos espontaneamente, sem que houvesse projeto preliminar, os concílios – influenciados também pelos “modelos” do Sinédrio hebraico e do Senado Romano – são um das mais interessantes e significativas manifestações da dinâmica de comunicação intereclesial que caracteriza o cristianismo dos primeiros séculos e que o anima constantemente. (ALBERIGO, 1995, p. 05)

Essa característica de ser uma religião de missão não se perdeu ao longo dos séculos, pelo contrário, se foi solidificando uma missiologia como ramo da teologia, no intuito de encontrar métodos próprios ao anúncio cristão enquanto herdeira do oriente médio e inserida nessa nova realidade ocidental de guerras, conquistas e celeumas externas e internas. E, de cujos conflitos necessitaram, inevitavelmente, de ajustes da fé à caminhada histórica com todas as suas exigências e desafios.

É nessa perspectiva que vislumbramos a questão dos Concílios e suas motivações, especialmente os mais importantes segundo Henrique Cristiano e Jacinto Brandão, (BRANDÃO, 1979), que apresentam os mais conhecidos como o Concílio de Nicéia (325) e a questão do Arianismo; Calcedônia (451) e o monofisismo; Nicéia (787) e a questão das imagens; Clermonte (1095) e o Cisma do Oriente; Trento (1545 a 1563) e a Reforma Protestante; Vaticano I (1870) e a infalibilidade papal; Vaticano II (1962-1965) e a reforma litúrgica / diálogo com a modernidade.

Em 11 de outubro de 1962, com a presença de mais de 2400 bispos e alguns observadores não católicos, se deu a abertura do Concílio Vaticano II, para a Igreja Católica o 21º concílio ecumênico, que se realizou em quatro sessões: I – de 11/10 a 08/12/1962; II – de 29/09 a 04/12/1963; III – de 14/09 a 21/11/1964; IV – de 14/09 a 08/12/1964.

O Concílio publica 4 Constituições (sobre a liturgia, a Revelação e a Igreja no Mundo de Hoje), 9 Decretos (Sobre ecumenismo, Igrejas Orientais, Missões, Bispos, Padres, Religiosos, Formação presbiteral, Leigos, Meios de comunicação social) e 3 Declarações (sobre a Educação, sobre Religiões não cristãs, sobre liberdade religiosa). (FRÖHLICH, 1987, p. 165)

A importância desse concílio pra a história da Igreja e do Ocidente só começa a ser percebida, timidamente, hoje, depois de cinquenta anos. O



Vaticano II é tido como uma “primavera” para a Igreja Católica. Depois da “grande disciplina” do Concílio de Trento, no desejo de tomar as rédeas, após a Reforma Protestante e do tímido Vaticano I, esse Concílio pôde abrir frentes de diálogo com a sociedade atual, reformar a liturgia tridentina romanizada, e rever o papel da Igreja agora entendida como “povo de Deus”.

II. Cristianismo e missão: da Propaganda Fidei às santas missões

O cristianismo fundamenta toda a sua forma de atingir novos adeptos, especialmente, na teologia paulina. De perseguidor a defensor da fé cristã, Paulo de Tarso vive uma conversão repentina e, a partir daí, torna-se o grande mentor do cristianismo pós-apostólico e o grande missionário, com suas famosas viagens cujos frutos, certamente, foi levar o cristianismo às grandes metrópoles do Ocidente como Atenas e Roma.

O desejo missionário passou a povoar o imaginário daqueles que se converteram ao cristianismo ao longo da história. Pelas malhas viárias ou pelas vias marítimas; através do Monarquismo do século VI ou das Ordens Mendicantes do século XII; na busca de converter os bárbaros, por meio das cruzadas do século XII ou das Universidades no século XIII; da cristianização do império com Constantino até as invasões na alta idade média uma lenta, perene e forte engrenagem forja uma cultura ocidental que tem em seu âmago o desejo inocente e profano de anunciar e conquistar; converter e dominar.

Por volta do ano 1622 o papa Gregório XV Funda uma congregação de cardeais para a propagação da fé, a *congregatio de propaganda fide*, à qual são subordinados todos os países de missão. O neófito Brasil está inserido na lista dos países que deveriam receber missionários enviados por essa congregação

Essa Concepção missionária era típica da Península Ibérica. Aparece claramente no título da obra do Pe. Antônio Ruiz de Montoya, Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape, publicada pela primeira vez em Madri em 1631. Já na própria introdução Montoya lembra que sua atividade missionária se realiza segundo “o exemplo



de meus antepassados, que os conquistaram e deixaram por legado obras dignas de imitação” (AZZI, 2005, p.55).

As monarquias absolutas e a burguesia, até certo ponto, aliaram-se às novas tendências de missão da Igreja levando a cruz e a espada aos territórios de missão. A famosa expansão missionária, com Roberto de Nóbili na Índia, os jesuítas na nova França (Canadá) e no Brasil. Especialmente no Continente Latino Americano a influencia dos missionários Espanhóis, Franceses, Portugueses, Italianos e tantos outros que chegaram no intuito de “alcançar almas para Deus”.

O Concílio de Trento já havia implantado um projeto de retomada da fé católica e de enfrentamento à Reforma protestante. A ação missionária estava posta como um dos caminhos de contrarreforma afirmando a Escritura e a Tradição, a hierarquização e a cura das almas e, especialmente, colocando no centro a Diocese como formadora do clero e estreitamente vinculada à Sé Apostólica.

Se a idade média termina religiosa e politicamente como cristandade, em Trento a estrutura da igreja centraliza-se na cúria romana, no regime jurídico. (...) se desenvolve a eclesiologia da unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade da Igreja, entendidos de maneira apologética. É mais instituição do que comunhão; é mais sociedade do que sacramento; é mais organização do que organismo animado pelo Espírito. (KELLER, 2002, p.39)

Missionários como Fr. Mateus de Nantes, Pe. Ibiapina e Fr. Damião de Bozzano estão inseridos nesse contexto de Igreja. Seus objetivos missionários, suas pregações e toda a estrutura das missões estão voltados para a implantação desse projeto de romanização. As diversas congregações religiosas como os Carmelitas, Franciscanos, Jesuítas, Capuchinhos e tantos outros embarcaram, literalmente, e cruzaram o atlântico no desejo de oferecer mais “almas” para a Igreja.

III. Santas Missões: Tradicionalismo e religiosidade popular

As Santas Missões, tão tradicionais em todo o território nordestino, tem suas motivações e seus traços culturais. Numa região sofrida por suas questões climáticas, especialmente no sertão; a longa história de um povo que viveu e vive toda uma angústia em relação às omissões governamentais;



o escasso acesso às informações e à educação formal; a ausência da Igreja institucional e tantos outros fatores fazem dessa região do país, celeiro para uma forma de religiosidade muito particular e de uma riqueza sem par.

Uma certa unidade entre o aparelho cultural e a religião católica tem sustentado até os dias atuais esse universo cultural religioso comum. Tal unidade tem-se dado na maneira de como cada indivíduo tem agido enquanto sujeito social e, ao mesmo tempo, na sua esfera subjetiva, pois tem-se remetido interiormente na sua maneira de pensar a partir dos referenciais do universo católico tradicional.

Tal catolicismo lança suas raízes no longínquo subsolo medieval, atravessando as camadas geológicas tridentinas até nossos dias. Em seu conjunto, configurou-se em forma profundamente tradicional. Foi por ele, por conseguinte, que o povo brasileiro pôde sempre, em seus recenseamentos, chamar-se “católico”. (LIBANIO, 1996, P. 40)

Ao longo do tempo eles de transmissão de fé como batismo, matrimônio, missas de 7º dia, catequese paroquial e escolar, as devoções aos santos, as festas religiosas, os elementos de religiosidade europeia formaram uma argamassa que uniu cultura e religião católica. “O aparelho eclesiástico bem montado garante com sua autoridade o prosseguimento dessa tradição” (LIBANIO, p. 43).

Nas terras nordestinas, sob as influências longínquas do messianismo lusitano dos séculos XVI e XVII, cuja implantação de um novo reino aqui na terra e da eleição de um novo povo, permaneceu e perdurou no inconsciente coletivo, cujas clássicas referências atuais recordam Antonio Conselheiro ou Pe. Cícero Romão. Na segunda metade do século passado viu-se Frei Damião de Bozzano (1898 – 2007), surgir como um novo conselheiro a orientar em suas pregações e confissões a vida moral, social e religiosa do povo nos mais recônditos lugares do nordeste.

Frei Damião se tornou um grande conselheiro e construtor do povo nordestino porque era um exímio confessor e consolador, e os sertanejos necessitavam resolver as dificuldades, os impasses do cotidiano; indo ao pé do confessor ou ouvindo suas pregações eles recebiam os almejados conselhos (CRUZ, 2010)

As Santas Missões, assim como são chamadas, seguiam um ritmo e alguns ritos muito próprios. O objetivo desses missionários do século XX não fugia a regra de propagar a fé e de propor a conversão aos pecadores. Com



um ritmo muito próprio os missionários despertavam às 04h da madrugada e, iniciando o dia com uma procissão pelas ruas das pequenas cidades e povoados, costumavam só repousar depois da meia noite, quando atendiam em confissões os fiéis. Procissões, confissões, visitas a alguns doentes, refeições na casa do prefeito ou de um comerciante local e, à noite, a pregação como ponto alto do dia. Nessa pregação se explicitava a unidade com a Igreja de Roma, o catecismo e toda a sua doutrinação. Para concluir a pregação a Bênção do Santíssimo.

Trazido de Portugal, o culto à Eucaristia assumiu uma importância muito grande na sociedade colonial. Tinha um significado muito específico: expressava a presença viva de Deus entre os luso-brasileiros. Era uma manifestação patente de que o estado tinha um caráter sacral, e especificamente católico. (AZZI, 2004, p. 268)

Impregnados na mentalidade do povo, esse acesso à fé institucional foi associado pelo povo às devoções populares das vestes de promessas, acendimentos de vela, bênçãos de objetos, uso do rosário, oração do ofício da Imaculada, pagamentos de promessas e ex-votos, frequência a lugares de romaria, orações nas casas feitas por algum beato leigo, orações nos velórios, imagens e quadros nas residências e tantos outros sinais de uma religiosidade popular que se confunde com a religiosidade institucional tradicional.

Há que se destacar que toda a pregação vinha muito carregada de uma promessa escatológica significativa e, até certo ponto, de ameaças aos infiéis que não se convertessem. Elementos de uma tradição eclesial tridentina, apologética que perdura até os nossos dias.

3. Equipe missionária do Nordeste, metodologia tradicional e conteúdo libertador

O Concílio Vaticano II, em seus documentos, propôs um retorno da Igreja às fontes da vida cristã. A superação de uma evangelização no formato tridentino, uma reforma litúrgica para a celebração do culto em língua vernácula e a participação dos fiéis, reformulação no Código de Direito Canônico e, especialmente, o contato com o mundo moderno.



Nesse projeto de renovação da igreja, segundo Comblin, “tende a desaparecer [...] ‘as missões estrangeiras’” (COMBLIN, 1990. P. 43), e passa-se a compreender a Igreja como toda ela missionária.

Ora, a evangelização dos outros continentes tinha sido associada à conquista do mundo pela Europa. A evangelização era semelhante a uma conquista. Como mundo moderno, já não se pode pensar em evangelização como forma de conquista. Os modernos não são inferiores aos cristãos. Os métodos de conquista não podem dar resultados. A evangelização supões métodos pacíficos de aproximação: diálogo, adaptação, liberdade, enculturação, aceitação dos valores ‘modernos’, tais como os direitos humanos, a liberdade religiosa, a autonomia da ciência e da civilização nos seus diversos aspetos. (COMBLIN, 1990, p. 43).

O Concílio trouxe a para o pensamento eclesial a reflexão sobre as questões sociais, ao que chamou de Doutrina Social da Igreja, cuja visibilidade se deu a partir da encíclica *Rerum novarum* (das inovações), promulgada em 1891 pelo Papa Leão XIII. Assim trazia para dentro da Igreja a reflexão sobre as mudanças sociais, suas consequências e seus impactos para o mundo e para a Igreja. Daí uma concepção de que o corpo social onde a Igreja se insere, deve ser cuidado como espaço onde o homem realiza e cumpre a sua vocação primordial à vida.

Diante desse apelo e dessa nova perspectiva de viver o cristianismo radical e concreto, à luz da doutrina social da Igreja e dos ventos conciliares do Vaticano II, surgiu no Nordeste do Brasil uma experiência de vida missionária itinerante com os freis Enoque Salvador de Melo, Roberto Eufrásio de Oliveira, Angelino Caio Feitosa e Juvenal Vieira Bonfim, todos pertencentes à Província de Santo Antônio do Brasil, ou frades franciscanos, como são conhecidos, na região que compreende o Nordeste brasileiro, onde estão desde 1584.

Por volta dos anos 1970, ainda sob o impacto do Concílio esse grupo de frades acima citados, iniciou primeiramente uma experiência de vida inserida em pequenas comunidades no sertão sergipano, logo sentindo a necessidade de expandir o novo estilo de evangelização para outras cidades e povoações.

Esse trabalho evangelizador logo exigiu empenho para o contato com um número maior de pessoas, chegando às massas. Segundo informes da



AMINE - Associação Missionária do Nordeste -, em seu Blog, Já em 1973 juntou-se ao grupo dos frades algumas religiosas e alguns leigos.

Apropriando-se da tradição das antigas missões, foram estruturando o trabalho a partir dessa novidade conciliar. A partir daí buscaram: estimular o nascimento das comunidades eclesiais de base, fortalecer as comunidades existentes, apoiar as organizações populares, suscitando os valores da cultura popular. Para nossa melhor capacitação, recolhemos a inspiração de alguns missionários, especialmente do Nordeste, do século XIX. Foi porem na fonte missionaria do padre Antônio Maria Ibiapina, conhecido entre nós como o apóstolo do Nordeste e na experiência itinerante dos conselheiros e ermitãos. (AMINE)

Um novo modo de evangelizar, um conteúdo libertador com métodos tradicionais, algo híbrido, como diria Canclini. Missionários hospedados na residência dos pobres; o despertar às 04h pra a caminhada da penitência cuja inserção do café partilhado fazia memória à partilha dos bens, nas fontes cristãs; as visitas às casas, às escolas, às cadeias, aos hospitais, etc...; o atendimento em confissões e o acréscimo do conselho de missionários leigos; cantos das antigas missões e a inserção de novos cantos com letra e melodia a partir da perspectiva da libertação; oferta de símbolos da região durante o ofertório da missa, muito participada pela comunidade, no fim do dia, como ponto culminante. Na noite final uma grande fogueira da penitencia, formada por galhos e lenhas trazidos por todo o povo, ao som da música de Frei Dimas Marleno OFMCap: “Olha a fogueira, olha o clarão, nesse calor da luz de Deus somos irmãos”.

Antes da missão propriamente dita os missionários criaram a pré-missão em preparação. Nesse momento são definidos os locais de acolhida dos missionários, as formas de conseguir recursos para a vinda e a permanência dos mesmos na semana da missão, as estratégias da missão a partir da necessidade de cada comunidade. O objetivo desses novos missionários passou a ser uma maior comunhão e participação da comunidade sentindo-se protagonista no processo de evangelização.

A palavra protagonismo torna-se uma daquelas palavras chave que ajudam a desenvolver o método e o conteúdo, e a conscientizar cada fiel do seu papel na Igreja e na sociedade. A marca da missão dessa equipe tem sido, ao longo desses anos a capacidade de animar a vida religiosa das



comunidades por onde tem passado, trazendo algo muito peculiar que a Teologia da Libertação propôs para os povos da América Latina, onde surgiu, e para toda a humanidade, uma Teologia e uma pastoral que seja voltada para o resgate da pessoa humana nas situações de marginalização, respeito e cuidado ao ecossistema e, especialmente a conscientização política dos fiéis, tidos nessa região do país como monopolizados pelos poderes políticos cristalizados ao longo dos tempos.

Sinal claro dessa conscientização a partir de um instrumental marxista e teológico tem sido o discurso, as letras das canções, as ações sociais, os mutirões, o apoio e adesão desses religiosos aos movimentos sociais como MST, CPT, CIMI, as próprias CEB's – Comunidades Eclesiais de Base - e tantos outros movimentos de ascendência esquerdista e socialista.

Contudo, ao mesmo tempo a equipe foi-se aprimorando descobrindo-se novas formas de evangelizar, adaptando-se a cada realidade, acolhendo novos missionários e em 1995 a nasce a AMINE (Associação missionária do nordeste foi criada) com seus estatutos e diretrizes próprios. Atuando desde a Bahia até o Ceará, em nossos dias, essa ação missionária ainda forma jovens, adultos, religiosos e religiosas, para as missões de fronteiras nas comunidades mais carentes, nas periferias das cidades, no âmbito da política, da cultura, nas questões ambientais e tantas outras demandas comuns à sociedade hodierna.

O termo híbrido a partir da concepção de Cancline, pode inserir-se nessa perspectiva de possibilidade de ter como inspiração e matriz o método missionário de Pe. Ibiapina, passando por Fr. Damião de bozzano e incluindo os apelos do Concílio vaticano II e das conferências da América latina como Puebla, Santo Domingo e Aparecida que propôs uma igreja missionária, em saída, e esquecida do seu próprio umbigo, como afirma o Papa Francisco.

Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova



o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: «Dai-lhes vós mesmos de comer» (Mc 6, 37). (PAPA FRANCISCO, 2013, p. 42-43)

Os elementos de abertura, acolhida, inculturação e da tão significativa opção pelos pobres hoje propagados nos discursos do Papa Francisco, já estavam presentes, como tentativa de vivência concreta do Concílio Vaticano II, na Equipe Missionária do Nordeste, já em seu nascedouro, nos anos 1970.

A experiência dessas missões populares, a partir da consciência do resgate da pessoa humana, do papel social de cada um, da ação libertadora do homem integralmente, junto a uma religiosidade popular, com sinais e métodos da religiosidade tradicional, forma uma maneira nova de evangelizar que dialoga e respeita desde as bases da fé, as experiências que estão para além das normas canônicas e o papel libertador que a religião tem para o homem.

Certamente, há que se estudar com mais afinco tais experiências que sobressaem numa realidade religiosa atual onde o proselitismo, a teologia da prosperidade, o subjetivismo e a busca pela cura superam aquela inspiração cristã primordial altruísta, servidora e dialogal com o mundo.

Conclusão

A sociedade atual, herdeira de toda uma história que, por muitas vezes é contada linearmente, por vezes esquece que nas curvas do tempo emergem experiências que sobressaem do curso normal e tomam um valor significativo pela sua contribuição para a construção de um mundo possível.

Ao longo dos séculos o cristianismo foi o provedor de sentido para o ocidente. A cosmovisão cristã-católica ofereceu as bases para a sociedade atual.

Diante das crises atuais pergunta-se se existem experiências que façam o vagão sair do trilho e percorrer caminhos novos. A fé tradicional não permite o acesso ao novo pois engessada nos protocolos impede o novo acontecer.



Contudo, essa história vê alguns eventos históricos, por tímidos que sejam, emergir como tentativa de re-significar a cultura e a fé. O Concílio Vaticano II foi um desses eventos que marcou positivamente o ocidente quando possibilitou a abertura da instituição mais antiga e que mais dominou esse lado do planeta nos últimos 2000 mil anos.

A consequência desse concílio se vê, ainda de forma tímida, nas reformas litúrgicas, nas questões das normas eclesiais e, especialmente, na forma da própria Igreja enxergar seu papel no mundo. De hierarquia ela passa a definir-se como Povo de Deus, uma Igreja servidora. Assim quebra uma tradição de dona da verdade e instituição fechada nos seus dogmas. A ordem agora é o diálogo. Mesmo que ao longo dos anos tenha-se tentado o retorno à grande disciplina, os ventos sopram para uma renovação e um maior diálogo com a cultura, com a sociedade, com o mundo.

Os missionários de hoje têm a oportunidade de a partir de toda uma tradição missionária e dos grandes nomes do passado forjar uma nova realidade de missão a partir do chão onde se pisa. As missões a partir de uma teologia inserida na vida cotidiana, que apresenta pistas de libertação para as situações de opressão às quais os povos estão subjugados.

A Equipe Missionária do Nordeste, hoje AMINE, tem buscado vivenciar esse carisma de se fazer um no meio dos que mais empobrecidos da sociedade. Usando elementos da tradição eclesial, da religiosidade popular e de uma reflexão crítica sistemática, apoiada na história, sociologia, na filosofia, na antropologia e na própria teologia, recolhe elementos que dão base e lançam propostas de união entre as pessoas que se encontram na ponta mais vulnerável da sociedade no intuito de reconhecerem-se como pessoas, dignas e capazes de construir um mundo novo, pautado na paz, na justiça e na partilha.

Referências Bibliográficas

ALBERIGO, Giuseppe. História dos Concílios Ecumênicos. São Paulo : Paulus, 1990.



AZZI, Riolando. A teologia Católica na formação da sociedade colonial brasileira. Petrópolis, RJ : Vozes, 2004.

COMBLIN, José. Evangelização na atualidade. In América Latina 500 anos de Evangelização: reflexões teológico-pastorais. São Paulo : Paulinas, 1990. P37-61.

COMBY, Jean. Para ler a história da Igreja I: das origens ao século XV. 3ed. São Paulo, SP : Loyola, 2009.

CRUZ, J. E. . FREI DAMIÃO: a figura do conselheiro no Catolicismo Popular do Nordeste brasileiro 2010 (Dissertação de Mestrado – PUC Minas).

FRÖHLICH, Roland, Curso Básico de História da Igreja. São Paulo : Paulus, 1987.

KELLER, E Dirceu. A Igreja: das origens ao Vaticano II. Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.

LIBANIO, João Batista. Deus e os homens: os seus caminhos. Petrópolis, RJ : Vozes, 1990

PAPA FRANCISCO. Evangelli Gaundi. São Paulo, SP : Paulinas 2013.

http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencReligiao_CruzJE_1.pdf. Acessado em 28/08/2015.

AMINE. <http://amine-missionarios.blogspot.com.br/>. Acessado em 12/08/2015 às 12:45.